



*Coma do lixo mas com luva. Uma recomendação da comunidade europeia.*

Porto Cartoon 2015 - Menção Honrosa

Foto: Mojmir Mihatov

o papa  
e o estreme  
do diabo

Já disse, neste espaço, que considero MAURO SANTAYANA um dos mais eruditos e competentes jornalistas brasileiros. É também um pensador dos destinos da nossa cultura e do Brasil. Sabemos que o atual papa Francisco está a suportar uma dura oposição, por parte de elementos da Cúria habituados aos privilégios, de bispos ultraconservadores, e de fiéis formados na escola dos dois papas anteriores, que colocavam a doutrina em primeiro lugar, ao contrário deste papa, que dá importância, antes de mais, ao exemplo e à prática libertária do Nazareno, à conversão pastoral, ao encontro direto com as pessoas, ao diálogo aberto com o mundo, com a diversidade religiosa, e à crítica aberta ao sistema capitalista, que tanto sofrimento causa a milhões de pessoas. Combateu os desmandos internos da Igreja, e enfrentou a máfia que, juntamente com certos membros da Cúria, utilizava o Banco Vaticano para lavagem de dinheiro. É um papa ameaçado de morte. Por isso pede que rezem por ele. Publicamos, aqui, este texto de SANTAYANA para mostrar, na perspectiva de um observador leigo, a gravidade da situação em que está envolvido este Pontífice, o primeiro oriundo das Igrejas Novas da periferia, e que traz à velha Cristandade europeia sangue novo, e um horizonte de humanidade e de esperança.

LEONARDO BOFF. Teólogo e Filósofo

O papa Francisco tem sido muito atacado na internet, por, numa cerimónia, em Roma, ter dito que **“o dinheiro é o estreme do diabo”** e que, quando o transformamos num ídolo, “passa a comandar todas as escolhas do homem”. Ouviu-se de tudo um pouco.

De adjetivos como comunista, “argentino”, hipócrita, demagogo e outros que não ousamos publicar, a sugestões no sentido de ir viver para uma favela, ou – a melhor de todas – de distribuir pelos pobres o dinheiro do Vaticano.

Historicamente, ainda é cedo para afirmarmos que conhecemos bem este novo papa, mas, pelo que se tem visto até agora, não se pode duvidar de que daria o dinheiro do Vaticano aos pobres, assim tivesse ele poder para isso, e a Igreja que herdou não fosse dominada por nababos conservadores, nomeados pelos dois pontífices anteriores, e ele tivesse a certeza de que essa decisão iria resolver, definitivamente, a questão da desigualdade e da pobreza no mundo.

Inteligente, o Papa sabe que a raiz da miséria e da injustiça não está na falta de dinheiro, mas na falta de vergonha de certa minoria que possui muito, muitíssimo, num planeta em que centenas de milhões de pessoas ainda vivem com menos de dois dólares por dia.

E que essa situação se deve, em grande parte, precisamente, à idolatria cada vez maior pelo dinheiro, o “estreme” do Bezerro de Ouro, que estende a sombra dos seus cornos sobre a planície nua, os precipícios e falésias do destino humano.

Vivemos numa época em que se deixou de honrar pai e mãe, de praticar a solidariedade com os mais pobres, com os doentes, com os discriminados e os excluídos, para nos entregarmos ao hedonismo.

Os pais transmitem aos filhos, como primeira lição e como maior objetivo na vida, a necessidade não de sentir, ou de compreender o mundo e a trajetória mágica da vida – o maior presente que recebemos de Deus ao nascer – mas, sim, a necessidade de ganhar e acumular dinheiro a qualquer preço.

Escolhe-se a escola do filho, não pela perspectiva filosófica, humanística, às vezes nem mesmo técnica ou científica, do tipo de ensino, mas com o objetivo de entrar numa universidade para fazer um curso que dê muito dinheiro a ganhar, com o fito de entrar em concursos rendosos, tecendo uma “rede” de amigos endinheirados.

Desenvolvendo e alimentando, uma cultura voltada para a aprendizagem e a partilha de símbolos de status fugazes e vazios, que vão do último tipo de smartphone, ao nome do modelo de carro do pai, e da roupa e das sapatilhas da moda.

O dinheiro determina a profissão, e o que se pretende fazer na vida.

Escolhe-se a carreira pública, ou a política, antes de mais, pelo poder e pelas benesses que proporcionam, e principalmente, pelo dinheiro.

Até mesmo nas periferias, se assalta, se mata, se morre ou se vive – como rezam as letras dos funks de batalha ou de ostentação – pelo dinheiro.

Para os mais radicais, não basta colocar-se ao lado do capital, apenas como um praticante obtuso e entusiástico dessa insensata e permanente “vida loca”.

Há que reverenciar, aberta e sarcasticamente, o egoísmo, de preferência à solidariedade, a cobiça de preferência à construção do espírito, o prazer de preferência à sabedoria.

É preciso defender o pilim – surgido, inicialmente, para facilitar a simples troca de mercadorias – e considerado, agora, como símbolo e bandeira de uma ideologia clara, que se baseia na apologia da competição individual desenfreada e grosseira, e de um “vale tudo” desprovido de pudor e caráter, encarado como forma de se alcançar riqueza e glória, disfarçado de eufemismos que possam ir para além do capitalismo, como é o caso, do que está mais na moda agora, o da “meritocracia”.

Segundo a crença nascida da deturpação do termo, que atrai, como um íman, cada vez mais gente, alguns merecem, pela sua “competência”, viver, divertir-se, ganhar dinheiro. Enquanto outros não deveriam sequer ter nascido – já que só cá estão para atrapalhar a vida e o trânsito. Era bem melhor que não existissem – ou que o fizessem, apenas, enquanto ainda são necessários – ao custo odioso de quase trinta dólares por dia, de uma empregada da limpeza, ou de um ajudante de pedreiro.

O capitalismo está a transformar-se numa ideologia. Falta, apenas, que alguém se

lembre de substituir a suástica pelo cifrão, e de começar a usá-lo em estandartes, colarinhos e braçadeiras, e que, em nome dele, se comecem a exterminar os mais pobres, ou, pelo menos, os mais desnecessários e incômodos, queimando-os, como polutos cordeiros, em fornos de novos campos de extermínio.

Disputa-se e proclama-se o direito de ter mais, muito mais que o outro, de receber de herança mais que o outro, de legar mais que o outro, de viver mais que o outro, de gastar mais que o outro, e, sobretudo, de ostentar, descaradamente, mais que o outro. Mesmo que, para isso, tenhamos de aprender dos nossos pais e de ensinar aos nossos filhos, o hábito de calcar os outros, da forma mais impiedosa e covarde. Principalmente, quando esses outros forem mais “fracos”, “diferentes” ou não pensarem de forma idêntica à de uma matilha malévola e ignara, ressentida antes e depois do sucesso e da fortuna, que se dedica à prática de uma espécie de bullying que durará a vida inteira, até que a sombra do fim se aproxime, para a definitiva pesagem do coração de cada um, como nos lembram os antigos papiros, à sombra de Maat e de Osíris.

Também nos púlpitos brasileiros se assiste a uma reação conservadora à atuação de Francisco, depois de, durante os dois papados anteriores, termos suportado os efeitos da manipulação da Igreja Apostólica e Romana por parte de clérigos fascistas, e a renúncia de um papa envolvido, indiretamente, em vários escândalos, que comandou, com crueldade e mão de ferro, a “caça às bruxas” ocorrida dentro da Igreja, nesse período.

Não podendo atacar, frontalmente, um pontífice que diz que o mundo não é feito, exclusivamente, para os ricos, religiosos que progrediram na carreira, nos últimos vinte anos, e que se esqueceram de Jesus no Templo e do Cristo dos mendigos, dos leprosos, dos aleijados, dos injustiçados, manifestam o seu ódio, fazendo política durante as missas – atitude que sempre condenaram nos padres adeptos da Teologia da Libertação – ressuscitando o velho e baboso discurso de triste memória, que ajudou a sustentar o golpismo em 1964.

O ideal dos novos sacerdotes e fiéis do Bezerro de Ouro é o de um futuro sem pobres, não para que diminua a desigualdade e aumente a dignidade humana, mas sim, para que cesse a contestação aos seus privilégios.

Em 1996, num livro profético – *“L’Horreur Economique”*, “O Horror Económico” – a jornalista, escritora e ensaísta francesa, Viviane Forrester, morta em 2013, já alertava, na apresentação da obra, para o surgimento desse mundo, dizendo estarmos no limiar de uma nova forma de civilização, na qual, apenas, uma pequena parte da população terrestre encontrará um lugar e um emprego.

“A extinção do trabalho parece um simples eclipse – afirmava, então, Forrester – quando, na verdade, pela primeira vez na História, o conjunto formado por todos os seres humanos é cada vez menos necessário, para o pequeno número de pessoas que manipula a economia e detém o poder político...” dando a entender que, perante a situação de não ser mais “explorável”, a “massa” e quem a compõe só pode temer, e

perguntando-se se, depois da exploração, não virá a exclusão, e se, no futuro, depois da exclusão, nada mais restará do que a eliminação dos mais pobres.

O culto ao Bezerro de Ouro, ao dinheiro e ao hedonismo, está a levar-nos para um mundo em que a tecnologia tornará os mais fracos, teoricamente, desnecessários.

A defesa dessa tese, assim como de outras que são importantes para a implementação paulatina desse processo, será alcançada por meio da implantação de uma espécie de pensamento único, estabelecido pelo consumo de um mesmo conteúdo, produzido e distribuído, acima de tudo, pela mesma matriz capitalista e ocidental, como já ocorre hoje com os filmes, séries e programas e os mesmos canais norte-americanos de tv ou cabo, em que apenas varia o idioma, que podem ser vistos com um simples toque no botão de controlo remoto, nos mesmos quartos de hotel – independentemente do país em que se estiver – em qualquer cidade do mundo.



As notícias virão, também, das mesmas matrizes, em canais como a CNN, a Fox e a Bloomberg, e das mesmas agências de notícias, e serão distribuídas pelos mesmos grandes grupos de meios de comunicação, controlados por um reduzido grupo de famílias, em todo o mundo, forjando o tipo de unanimidade estúpida que já se está a tornar endémica em países nos quais – a exemplo do nosso – impera o analfabetismo político.

E o controlo da origem da informação, da sua transmissão, e, sobretudo, dos cidadãos, continuará a ser feito, cada vez mais, pelo mesmo MINIVER, o Ministério da Verdade, de que nos falou George Orwell, no seu livro “1984”, controlo estabelecido, em primeiro lugar, pelos Estados Unidos, por meio da internet, a gigantesca rede que já alcança quase metade das residências do planeta, e dos seus mecanismos de monitorização permanente, como a NSA e outras agências de espionagem, seus backbones, satélites, e as grandes empresas norte-americanas da área, e a computação em nuvem, identificando, rapidamente, alguém que possa ameaçar a sobrevivência do Sistema.

O mundo do Bezerro de Ouro será, então, – como sonham, ardentemente, alguns – um mundo perfeito, onde os pobres, os contestadores, os utópicos – sempre que surgirem – serão perseguidos à paulada e à chicotada, e, finalmente, perecerão, contemplando o céu, nos lugares mais altos, para que todos vejam e lhes sirva de exemplo, como aconteceu com um certo nazareno chamado Jesus Cristo, há vinte séculos atrás.

**MAURO SANTAYANA. Jornalista brasileiro (02-03-2015).**

<https://leonardoboff.wordpress.com/2015/03/04/o-papa-e-o-estrupe-do-diabo-mauro-santayana/>

# Kant em Atenas



Primeiro, o FMI destruiu a base negocial de um frágil acordo com Atenas. Depois, o Eurogrupo deu um golpe político, talvez mortal, na integridade da Zona Euro. A alergia a um referendo sobre a austeridade, revela o verdadeiro rosto da atual eurocracia. As leis fundamentais da União Europeia e da Zona Euro (ZE) são hoje dois tratados intergovernamentais, entrados em vigor no dia 1 de Janeiro de 2013: o Tratado Orçamental, e o Mecanismo Europeu de Estabilidade (MEE). A relação entre ambos faz da democracia uma paródia sinistra. Está escrito em letra de lei que no caso de um país rejeitar o Tratado Orçamental, este perderá direito a qualquer apoio do MEE. Os parlamentos de Lisboa, Dublin,

Atenas e Nicósia votaram, celeremente, o Tratado Orçamental, que impõe uma austeridade perpétua, como alguém que assina uma confissão sob tortura. Quando o BCE interromper a liquidez de emergência (ELA) à banca grega, a crise transitará da política para a física. O controlo de Atenas sobre o seu sistema financeiro, e a introdução de uma nova moeda, não serão sinais de liberdade política, mas os inevitáveis recursos contra a total implosão do país. No próximo domingo, os gregos vão referendar não apenas as algemas que os prendem, mas também as regras em vigor no campo disciplinar em que a Europa se está a transformar. Se a Grécia acabar por ser expulsa da ZE, os que ficarem dentro do muro de uma "Europa alemã", com uma prosperidade cada vez mais aparente e efémera, talvez contemplem o espetáculo de desespero, sofrimento e grandeza de um povo que rejeitou a gamela para recuperar o direito à liberdade. Só Merkel poderá evitar que os gregos sigam o rigorismo de Kant até ao limite da crueldade: "**Seja feita a justiça, mesmo que o mundo pereça**" (*fiat justitia, et pereat mundus*).

por **Viriato Soromenho Marques**

*Diário de Notícias*, 29 junho 2015

# como se destrói um país:



A **GRÉCIA** tem um exército de 109.000 soldados, dez militares para cada 1.000 habitantes, a maior percentagem de toda a União Europeia [EU]. A Espanha 2,5 e França 3,5 por cada 1.000.

Nos últimos dez anos – Nova Democracia e PASOK – despenderam em média 4% do PIB na Defesa. Em percentagem a **GRÉCIA** só foi superada pelos EUA.

No mesmo período importou 12.000 milhões de euros em equipamento militar e, de 2005 e 2009, antes do resgate, foi o quinto maior importador de armas do mundo.

A **GRÉCIA** tem 1620 veículos blindados, mais que a Alemanha, França e Itália juntas, em grande parte importados da Alemanha a quem estão devendo 4.000 milhões e à França 3.000 milhões que incluem 2.000 milhões dos submarinos que inclusive têm um defeito de desenho.

Continuam com compromissos para adquirir mais material bélico, não tendo sequer dinheiro para comprar combustível.

# flash conciliar 54



## Mihi non placet!, Não aceito!

Roma, 15 de Novembro de 1962. Perante o esquema “de Ecclesia”, *Acerca da Igreja*, apresentado ao Concílio pela respectiva Comissão Preparatória, o Cardeal Liénart, bispo de Lille, abriu o fogo com estas palavras inequívocas: “*Hoc schema nihi non placet!*”, não me agrada este esquema.

Por sua vez, o cardeal Ritter, arcebispo de São Luís (Canadá), declarou por sua vez: “*Rejiciendum est*”, deve ser rejeitado.

Mas terá sido o patriarca de Antioquia, Maximos IV, que, como sempre, se exprimiu com mais clareza. Destaquem-se algumas das suas expressões: ponto de vista “restrito, negativo e polémico”; texto que parece “*derivar das disputas teológicas a que o Concílio deve permanecer alheio*”, “*destinado a ser condenado, enquanto o povo aspira a métodos serenos e positivos capazes de alimentar a sua vida cristã, e de preparar os caminhos para um diálogo ecuménico...*”; “*emprego de fórmulas ultrapassadas próprias da Contra-Reforma e do anti-modernismo*”; “*depositemos confiança nos sábios e nos teólogos de grande renome e deixemos-lhes campo aberto*”. E Maximos IV concluiu: “*Proponho que renunciemos pura e simplesmente a esta esquema*”.

E assim aconteceu.

(Fesquet - *O diário do Concílio*, I, p. 102)